



O CARÁTER EDUCADOR DOS SARAUS POÉTICOS: LITERATURA MARGINAL EM FOCO

THE EDUCATING CHARACTER OF THE POETIC SARAUS: MARGINAL LITERATURE IN FOCUS

Josefa Janiele Cordeiro Marinho

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/ UAG)

E-mail: janielemarinho@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar o caráter humanizador e transformador da literatura, em especial da literatura marginal. Partindo desse ponto aborda-se também a importância dos sarais literários para a disseminação do conhecimento e acesso à arte. Apresentando um pequeno diálogo entre a literatura marginal e a literatura canônica, mostrando que ambas têm muito a contribuir e que as diferenças impostas a estas são feitas por aqueles que detêm o poder e sentem a necessidade de segregar o conhecimento. Discute-se a questão da representatividade na literatura e que esta pode ser usada como resistência ao sistema excludente do qual fazemos parte. Além de abordar um breve diálogo entre o conceito de razão metonímica, saber científico e cânone literário. Para isso estaremos embasados teoricamente em Antônio Candido, Alfredo Bosi, Paulo Freire, Ferréz, Boaventura de Sousa Santos e Ivan Illich. Inicia-se apresentando brevemente a literatura e os sarais e sua dimensão formativa. Faz-se uma discussão entre literatura e cânone, com base na ideia de razão indolente de Boaventura de Sousa Santos. Em seguida aborda a questão da literatura e seu papel transformador. Por último, apresenta-se a pesquisa realizada em torno de um sarau poético realizado em Garanhuns / PE.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura marginal. Educação. Saraus.

ABSTRACT

This article aims to address the humanizing and transformative character of literature, especially marginal literature. Starting from this point, we also discuss the importance of literary works for the dissemination of knowledge and access to art. It presents a small dialogue between marginal literature and canonical literature, showing that both have much to contribute and that the differences imposed on them are made by those who hold power and feel the need to segregate knowledge. We also discuss the question of representativeness in the literature and that it can be used as resistance to the

exclusionary system of which we are part. In addition to addressing a brief dialogue between the concept of indolent reason, scientific knowledge and literary canon. Bringing as an example of sarau as an alternative of liberating education, a project that performs literary serials in the city of Garanhuns / PE.

Keywords: Marginal literature. Education. Saraus.

INTRODUÇÃO

A literatura possui um caráter humanizador, o texto que dialoga com o leitor, que interroga e faz refletir, no mais das vezes, tem a capacidade de despertar a sensibilidade, fazer refletir e criar conexões com a realidade.

No presente artigo, pretende-se discutir como os espaços dos saraus poéticos têm sido espaços educativos e como esses espaços contribuem para a democratização da literatura e a (trans) formação dos sujeitos que participam desses encontros.

Sabe-se que, durante muito tempo a literatura e a arte eram vistas como bens da elite, em que as classes populares, marginalizadas não tinham o direito de usufruir de tais “bens”. Atualmente, essa cultura ainda é vista, porém podemos perceber alguns avanços dessas classes marginalizadas. Um exemplo, é a disseminação dos saraus poéticos nas periferias das grandes cidades. É sobre o direito à literatura que trataremos, e como esta pode ser fonte de transformação dentro da sociedade. Pretende-se aqui, analisar a importância da literatura marginal e dos saraus poéticos, enquanto instrumentos disseminadores de uma educação libertadora e transformadora. Além de discutir e abordar as características do saber científico e o modo como este é tratado enquanto padrão para a disseminação do conhecimento. Com isso, busca-se discutir o processo formativo através da literatura, bem como compreender e estabelecer as relações existentes entre literatura, educação e sociedade e apresentar a importância educadora dos saraus poéticos enquanto espaços que democratizam o acesso à literatura. Buscando mostrar que a educação ocorre fora de espaço escolar, livre de conteúdos preestabelecidos e, na maioria das vezes, de forma mais eficaz e significativa.

Para isso estaremos embasados teoricamente em Antônio Candido, Alfredo Bosi, Paulo Freire, Ferréz, Boaventura de Sousa Santos e Ivan Illich. Acredita-se no poder da literatura como força humanizadora capaz de transformar a vida daqueles

que com ela tem contato. Além de ser um instrumento de resistência contra o sistema excludente e segregador ao qual estamos submetidos.

A LITERATURA OS SARAUS: DIMENSÃO FORMATIVA

A literatura possibilita àqueles que a ela tem acesso enxergar o mundo de forma expandida. Quando explorada propicia a formação do homem de forma integral, proporcionando a transformação da sociedade através do diálogo que há entre o texto e o mundo. É possível pensar em uma transformação social através da literatura, mas para isso é necessário repensar as formas de acesso a esta. Tornar a literatura um bem disponível para todos, possibilitar o verdadeiro direito à literatura que, no mais das vezes, é negado. Como bem nos diz Candido (2002):

As pessoas são frequentemente de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio das minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? (CANDIDO, 2002, p. 21).

A literatura marginal tem trazido à tona, reflexões que, muitas vezes, são mascaradas por aqueles que têm interesse de mascarar a realidade. Os saraus poéticos têm se caracterizado como espaços sociais que dão voz àqueles que geralmente são excluídos da sociedade. São espaços que além de voz, proporcionam o primeiro contato de muitos com o universo da literatura. A maior parte desses saraus traz discussões sociais, debatem o cotidiano, a realidade do país e são, portanto, espaços formadores de leitores, autores e cidadãos críticos que pensam o que vivem. Nesses ambientes, a literatura que por muitos é sacralizada, perde esse viés e torna-se bem comum, direito de todos, como cita Chamone (2016),

A literatura vista como privilégio em um país que é comumente associado à ideia de ser pouco afeito à leitura, tem se tornado um meio para no qual escritores (as) da chamada literatura marginal exerçam um papel transformacional, sem ter como intenção a assistência social. (CHAMONE, 2016, p. 29).

A literatura, – diferente daquela que se ensina no ambiente da sala de aula que fortalece ainda mais a ideia de uma sociedade dividida em classes – possibilita ao



indivíduo pensar não apenas em si, mas a olhar para o outro, de forma a libertar-se daquilo que os oprime e tornarem-se “*restauradores da humanidade*” (FREIRE, 1987, p. 16). A leitura pode possibilitar ao leitor construir e reconstruir a si mesmo, desconcerta e humaniza a partir do momento em que o texto atua sobre si de forma a fazer refletir sobre si e o mundo, a dar significado para o que é lido, a compreender a realidade. A literatura que humaniza,

Ao contrário da literatura de propaganda – que tem uma única escolha, a de apresentar a mercadoria ou a política oficial sob as espécies da alegoria do bem –, a arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele (BOSI, 2002, p. 122).

Dessa forma, a literatura pode se mostrar como uma forma de resistência, por abordar temas como o racismo, a homofobia, a política, o machismo, o feminismo, a corrupção, entre outros que a elite da sociedade busca encobrir. Por incluir aqueles que estavam às margens, por dar voz, por possibilitar a formação de leitores e também escritores.

Os espaços de encontros literários têm se propagado e é de importância tamanha dizer que esses espaços são ambientes riquíssimos para a disseminação do conhecimento. Não são espaços que formatam pessoas, são espaços que propiciam o debate construtivo, diferente da escola formadora que fomenta ainda mais as diferenças de classes e oferecem o conhecimento como se este fosse uma mercadoria. É sobre isso que Illich (1985) diz que:

Se não questionarmos a suposição de que o conhecimento é uma mercadoria que, sob certas circunstâncias, pode ser infringida ao consumidor, a sociedade será cada vez mais dominada por sinistras pseudo-escolas e totalitários gerentes da informação. (ILLICH, 1985, p. 65).

Enquanto o conhecimento for tratado como mercadoria haverá aqueles que tratem as relações humanas como negócios, a educação, então, não poderá ser dialógica, mas sim mercadológica. Haverá sempre quem controle e dite regras, o ser humano será sempre algo em segundo plano e a “educação” oferecida será a educação formadora que formata para o mercado de trabalho e assim, a escola formadora será sempre a soberania maior, o aprender por si será algo descartável, o seguir um padrão institucionalizado é / será soberano. De acordo com Illich (1985),



A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças precisam de escola. A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças aprendem na escola. Mas esta mesma sabedoria institucionalizada é produto de escolas, pois o senso comum nos diz que apenas as crianças podem ser instruídas na escola. (ILLICH, 1985, p. 43).

O conhecimento formal é soberano, e agora partindo para a literatura; a literatura canônica é vista por muitos como conhecimento superior, “mercadoria” da elite. Isso rompe o caráter humanizador da literatura, pois esta é feita para dialogar com o mundo de variadas formas, mas acaba sendo vista apenas como um sistema de obras, como disse Antônio Candido.

LITERATURA MARGINAL E A RELAÇÃO COM O CÂNONE LITERÁRIO: RAZÃO INDOLENTE

A discussão entre o conhecimento canônico / científico e o popular / tradicional, perpassam pelas diferentes áreas de conhecimentos. Pode-se fazer uma analogia entre o científico e o tradicional entre a literatura marginal e a literatura canônica. Sabe-se que, a denominada literatura marginal ou periférica, desde o seu surgimento no Brasil - por volta da década de 1970 - passou por um período de crítica e / ou foi ignorada. Alfredo Bosi sobre a poesia marginal daquela época e comparando-a com a estética tradicional da poesia, diz que

Por todos aqueles critérios, segundo os quais a poesia é uma representação, uma elaboração do fundo inconsciente ou imediato, esta poesia está apenas como uma, chame-no-la assim, efusão. [...] Então, teríamos, dentro de uma concepção mais tradicional, até um pouco de escrúpulo em considerar isso como poesia (BOSI, 1981, p. 78 apud CABAÑAS, 2014, p. 06).

A literatura marginal tem um viés mais voltado para apresentar a realidade, discutir e refletir sobre esta. Quando se fala de classificar e dividir e / ou inferiorizar determinado conhecimento em detrimento de outro, Boaventura de Sousa Santos (2002) aborda essas questões através do termo razão indolente - esta ele divide em outras quatro razões, a razão proléptica, arrogante, metonímica e impotente. Para ele, essas divisões e esses conhecimentos ditos subalternos, são assim categorizados, pois para o que "é proclamado pela razão metonímica, o todo é menos e não mais do que o conjunto das partes (p. 07)", ou seja, existe uma totalidade formada por diferentes partes, mas existe uma parte que é referência para as outras. A razão

metonímica cria uma relação hierarquizada onde "todas as dicotomias sufragadas pela razão metonímica contêm uma hierarquia: cultura científica / cultura literária; conhecimento científico / conhecimento tradicional; homem / mulher; cultura / natureza [...] (p. 07)". Dentro da razão metonímica, a literatura marginal - por exemplo -, não poderia ser pensada sem a existência da literatura canônica ou o conhecimento tradicional sem o conhecimento científico. Isso impõe, portanto, um caráter de inexistência para esses conhecimentos que são submetidos a um cânone.

Dessa forma, as diferenças fortalecem as relações de subalternidade entre um determinado conhecimento e outro. Reforçando a ideia de que

A compreensão do mundo que a razão metonímica promove não é apenas parcial, é internamente muito seletiva. A modernidade ocidental, dominada pela razão metonímica, não só tem uma compreensão limitada do mundo, como tem uma compreensão limitada de si própria (SANTOS, 2002, p. 07).

O todo é visto como algo completo por partes, porém é como se essas partes não pudessem sustentar-se fora da totalidade.

Na literatura como um todo, tem-se uma heterogeneidade de textos, estética, técnicas, porém o que prevalece é aquilo estabelecido pelo cânone, o que é considerado alta literatura pela crítica literária. O cânone é tido como

No âmbito do catolicismo, também tomou o sentido de lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição (MOISES, 2009. p. 12).

E assim, pensando-se no conceito de razão metonímica não seria possível pensar a literatura marginal sem a literatura canônica. Como disse Santos (2002), "*qualquer totalidade é feita de heterogeneidade e que as partes que a compõe têm uma vida própria fora dela*" (SANTOS, 2002, p.11).

A literatura é um conhecimento que ultrapassa os muros da academia, mas esta só é valorizada, considerada "alta literatura" quando submetida aos padrões dominantes de escrita. O ambiente acadêmico e seus intelectuais, muitas vezes, renegam a existência da literatura marginal, pregam que esta não é digna de frequentar o ambiente acadêmico e não se permitem pensar esta, enquanto forma de literatura válida. Essa condição de não existência da literatura marginal dialoga com o que Boaventura de Sousa Santos (2002) denominou de Sociologia das Ausências,



"Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-creditável ao que existe". (SOUSA SANTOS, 2002, p. 11-12). Estabelece-se como referência para os diferentes tipos de conhecimento o saber científico ou no caso da literatura, a denominada "alta literatura", firmando-se assim, uma "monocultura do saber", como denomina Santos (2002). Essa lógica da "monocultura do saber" é responsável pela "*transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética*" (SANTOS, 2002, p. 12).

Assim sendo, tratando-se da literatura marginal, esta é inferiorizada e desqualificada, por não se considerar que esta seja dotada de qualidade técnica, estética e se afirmar que esta tenha uma "estética desajustada" para os padrões estabelecidos pelo cânone literário hegemônico.

A LITERATURA MARGINAL E SEU CARÁTER TRANSFORMADOR

A literatura marginal carrega esse viés de transformação, na década de 1970ª poesia marginal ganhou espaço em um período marcado pela ditadura militar e era classificada como aquela literatura feita por uma minoria – ignorada pela crítica literária –, era divulgada para o povo, não estava presente nas grandes editoras. Na década de 1990, a literatura marginal tal qual era conhecida ganha um novo viés, pois a partir daí o termo literatura marginal corresponde realmente aos seus fatores. Ferréz, destaque da literatura marginal, vem trazer um novo conceito que difere um pouco daquele de poesia marginal da década de 1970, segundo ele,

A literatura marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (FERRÉZ, 2005, p. 12).

Diante disso, o caráter sagrado da literatura é posto de lado, os escritores marginais utilizam a sua voz para tornar a literatura algo democrático – apesar de ainda enfrentarem a indiferença da crítica estabelecida –, esses escritores não só escrevem sobre a realidade vivenciada nas periferias como também criticam, debatem assuntos que a classe burguesa tenta empurrar para debaixo do tapete. Os escritores marginais que antes não possuíam voz, surgem para divulgar sua arte e torná-la



acessível para aqueles que jamais imaginaram poder ler um livro ou até mesmo escrever o seu próprio texto. As pessoas da periferia começam a ter voz, através dos saraus – principalmente – e apesar de a literatura canônica ainda ser para muitos algo inacessível a literatura marginal proporciona esse contato com o texto literário e desperta leitores e escritores que estão à margem do sistema. A literatura marginal chega para mostrar representatividade e abaixo um trecho do manifesto da literatura marginal, escrito por Ferréz (2005):

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ, 2005, p. 11).

Podemos citar como exemplo de conquista desse espaço, dessa literatura que liberta, a experiência do Sarau da Cooperifa, realizado em um bar da periferia de São Paulo ou também o Projeto Poesia na Rua, realizado na cidade de Garanhuns, interior de Pernambuco. Apesar de o Poesia na Rua não se reconhecer como projeto que propaga a literatura marginal, este o faz. O objetivo do projeto é o incentivo à leitura e criação poética, além de, a divulgação dos escritores que se encontram à margem do sistema editorial – característica da literatura marginal. Os espaços de acesso à arte multiplicam-se e, sobretudo, entre aqueles que não tinham acesso ou que o acesso era raro. Para Heloísa Buarque de Hollanda (2007), a poesia marginal da década de 1970

Seria uma poesia que se aproxima da vida, de linguagem informal, marcada por um certo humor crítico, distribuída de maneira independente e no plano da linguagem uma ‘subversão dos padrões literários’. (HOLLANDA, 2007, p.10);

Não queremos aqui estabelecer uma relação opressor-oprimido entre a literatura marginal e a literatura canônica, mas sim reivindicar o espaço para ambas, o reconhecimento em todos os seus âmbitos e mostrar que apesar de a margem em que a literatura da periferia se encontra, ela sobrevive e como disse Freire (1987) sobrevive não para oprimir quem a oprimia mas para estabelecer uma relação de humanidade entre ambas, pois o cânone desvaloriza essa literatura e a classifica como inferior. Abaixo apresentamos um texto de Sérgio Vaz intitulado “Literatura das

ruas”, que reflete a importância dos saraus para uma comunidade que pouco ou quase nada tinha de acesso à cultura:

A literatura é dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes, famintos por conhecimento, que se amontoam nas calçadas frias da senzala moderna chamada periferia. Frequenta os casarões, bibliotecas inacessíveis ao olho nu e prateleiras de livrarias que crianças não alcançam com os pés descalços. Dentro do livro ou sob o cárcere do privilégio, ela se deita com Victor Hugo, mas não com os Miseráveis. Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. Faz sexo com Cervantes e ri da cara do Quixote. É triste, mas A rosa do povo não floresce no jardim plantado por Drummond. Quanto a nós, Capitães da areia e amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia. Assim nasceu o sarau da Cooperifa. Nasceu da mesma Emergência de Mário Quintana e antes que todos fossem embora pra Passárgada, transformamos o boteco do Zé Batidão num grande centro cultural. Agora, todas às quartas-feiras, guerreiros e guerreiras de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais, entre velhos e novos poetas sob a benção da comunidade. Professores, metalúrgicos, donas de casa, taxistas, vigilantes, bancários, desempregados, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem a sua cidadania através da poesia. Muita gente que nunca havia lido um livro, nunca tinha assistido uma peça de teatro, ou que nunca tinha feito um poema, começou, a partir desse instante, a se interessar por arte e cultura. O sarau da cooperifa é nosso quilombo cultural. A bússola que guia a nossa nau pela selva escura da mediocridade. Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça baixa e se prostra de joelhos. Somos o poema sujo de Ferreira Gullar. Somos o Rastilho da Pólvora. Somos um punhado de ossos, de Ivan Junqueira Tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto. Neste instante, neste país cheio de Machados se achando serra elétrica, nós somos a poesia. Essa árvore de raízes profundas regada com a água que o povo lava o rosto depois do trabalho (VAZ, 2008, p. 12).

Os textos escritos por esses escritores que se autodenominam “marginais” – em sua maioria - são carregados de uma perspectiva cidadã e ideológica representativa. São textos que inquietam e são capazes de influenciar a vida daqueles que os leem. O texto apresenta de forma impactante o poder que a literatura marginal representa nas comunidades periféricas, deixando claro que a literatura pode atingir a todos, e esta não é privilégio de poucos ou bem sagrado como muitos pensavam em décadas passadas.

O SARAU LITERÁRIO COMO ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Sabe-se que toda e qualquer experiência educativa pode ser bancária ou libertadora, de acordo com Freire. Para apresentar o Sarau Literário como uma

alternativa libertadora de compartilhamento do conhecimento, foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa.

A pesquisa se deu através do *Projeto Poesia na Rua*, que realiza saraus e compartilha poesia pelas ruas da cidade de Garanhuns / PE. O projeto teve início no ano de 2015 e está indo para sua terceira edição. Tem como organizadoras (es) estudantes e / ou poetas da cidade, o grupo é composto por - citando alguns nomes - Aline Matias, Lorryne Johanson, Lidrielly Oliveira, Janiele Marinho, Vitoria Freitas e Yuri Araújo.

De acordo com as (os) organizadoras (es), o objetivo do projeto é democratizar o acesso à literatura e incentivar a leitura e a criação poética. Trazendo à tona escritores que estão à do sistema editorial. De acordo com Paulino e Cosson (2007),

No Brasil, os índices de testes nacionais e internacionais mostram que a proficiência de leitura dos estudantes brasileiros encontra-se muito abaixo do esperado em um país que vem exibindo elevação em suas posições econômicas internacionais.

Por isso multiplicam-se as iniciativas simples, como os poemas nas janelas de ônibus urbanos de Porto Alegre, que se espalharam por outras cidades brasileira. (PAULO & COSSON, 2007, p. 62).

O *Projeto Poesia na Rua*, funciona da seguinte forma, anualmente ou semestralmente, é aberto um período para envio de poesia – estas podem ser enviadas de qualquer parte do mundo, inclusive já receberam poemas de Portugal, Angola, Londres -, estas passam por um processo de seleção, levando em conta a estética do texto - não se considera em primeiro a qualidade técnica, mas sim a estética, o que o texto fala, os sentimentos que provoca. Feita a seleção, as (os) organizadoras (es), divulgam os selecionados e marcam uma data para o sarau poético, no dia do sarau expõe-se as poesias pela cidade - isso em pontos de ônibus, postes, paredes abandonadas -, no fim do dia é realizado um sarau livre, aberto para variadas expressões de arte, mas tendo as poesias como principal atração.

No sarau do *Poesia na Rua*, o espaço é aberto para quem quiser recitar, a leitura dos textos tanto pode ser dos autores selecionados – esses textos também são disponibilizados em um varal poético no ambiente do sarau – quanto de autoria própria de quem está presente.

A partir desses encontros a educação concebida por Freire como ato político, torna-se significativa. Fala-se muito em Paulo Freire nos ambientes acadêmicos, mas

esquece-se de lembrar que é nesses ambientes tidos como margem, que essa educação libertadora é posta realmente em prática. Os saraus poéticos são excelentes espaços de disseminação de arte, cultura, literatura e propõem, assim, uma educação libertadora. Diante disso, refletindo a relação dos saraus com os círculos de cultura:

Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo. A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem no mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência internacionalizada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1977, p. 77).

Os saraus poéticos são excelentes espaços de disseminação de arte, cultura, literatura e propõem, assim, uma educação libertadora. O ambiente coletivos, os temas de interesse daqueles que participam são expostos para que o conteúdo não fique apenas entre alguns, mas para que seja compartilhado. Que saia do sarau para a comunidade, para a escola, para a universidade.

De acordo com Paulo Freire, no processo de enxergar-se como sujeito e não como objeto, este

Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, tem um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País, como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1967, p.108-109).

Dessa forma, o ambiente do Sarau Literário é um ambiente propício para uma educação transformadora e libertadora. Há educação no Sarau, há educação fora da escola. Há educações fora do sistema de ensino escolar. E estas novas formas de conhecimento devem ser consideradas, pensadas, compartilhadas; percebendo-se que estas fazem parte de uma totalidade, mas que têm suas particularidades e podem sim, serem vivenciadas sem a presença de um conhecimento hegemônico.

Além do sarau e a exposição das poesias, o projeto também realizou a confecção de zines em seu último sarau, no qual estes foram distribuídos gratuitamente aqueles que estavam presentes no evento. Abaixo algumas fotos do último evento realizado durante o período das ocupações de escolas e universidades no final do ano de 2016 - geralmente os saraus do projeto são realizados em praças públicas, porém neste último, viu-se a necessidade de compartilhar o momento no ambiente acadêmico para apoiar os estudantes que ali estavam reivindicando seus direitos.

A fotografia 1 é o momento do sarau realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE / UAG). O espaço foi aberto ao público e no local foram distribuídas poesias para os presentes, havia também o varal poético com as poesias dos autores selecionados para a segunda edição do projeto. Na fotografia 2, pode-se ver as poesias que foram expostas na cidade sendo lidas pelas pessoas que por ali passavam, esta especificamente no terminal de ônibus da cidade.

Fotografia 1 – Sarau livre



Fonte: Arquivo das autoras

Fotografia 2 – Exposição na rua



Fonte: Arquivo das autoras

Os poemas presentes no zine são de autoria de algumas das organizadoras do projeto, abaixo transcrevo o poema de Aline Matias, cujo título é “Quem sou”

Não basta ser negra
e segurar uma boneca branca
Não basta ser negra
e estar com o cabelo preso



Não basta ser mulher
e segurar uma boneca
Quem disse que eu quero ser mãe?

Teu destino já está traçado?
Não. Basta!
Dos teus preconceitos
De querer me fazer um
Se posso ser mil
O problema é que eu sou criança
Ó Pátria Amada!

O texto reflete o cansaço dos julgamentos, dos rótulos que diariamente nos são impostos. Reflete o cansaço e a luta das mulheres negras que são postas à prova todos os dias. Os outros textos presentes no zine são de conteúdos variados, a poesia que versa sobre o amor, sobre os cansaços do dia a dia, sobre as decepções, sobre ser gente na sociedade em que vivemos.

Além do zine com poemas de algumas organizadoras, o projeto reuniu os poemas enviados para a segunda edição em uma espécie de revista - não possui ISSN -, onde todos os poemas selecionados e expostos podem ser lidos. A revista foi enviada por e-mail para todos os participantes e disponibilizada na página do facebook "Poesia na Rua".

É certo que o projeto necessita passar por algumas reformulações, porém o trabalho é enriquecedor e por se mostrar esse tipo de projeto em uma cidade do interior já é de grande valia. Para um projeto mais significativo, acredito que a frequência com que ocorre deveria ser maior, os ambientes em que ocorre deveria variar e não ficar apenas em praças públicas - há terminais de ônibus, pontos de ônibus, escolas -, isso seria um ponto positivo. Ficam aqui algumas sugestões para o aprimoramento do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A academia impõe como certo um determinado tipo de educação, a ciência impõe como conhecimento válido o conhecimento científico, estabelece-se um cânone ao qual os demais conhecimentos que não fazem parte são excluídos, é dada uma condição de não existência a esses. Dessa forma, a sociedade aceita como educação



apenas uma centrada em um sistema de ensino. Sabe-se, porém, que a sociedade é diversificada e o conhecimento é compartilhado em diferentes locais, que não só a escola. O ambiente dos Saraus Literários é um espaço, onde pessoas se reúnem para compartilhar ideias, pensamentos, produções de forma livre e independente.

Os Saraus Literários, por si só se caracterizam como ambiente propício para uma educação transformadora e libertadora. O espaço acadêmico prega teoricamente uma educação libertadora, mas esta fica apenas no conceito teórico, não ocorrendo na prática.

Assim sendo, a literatura ligada aos Saraus é ponto chave para que o conhecimento vivenciado no dia a dia seja discutido, criticado e melhorado. A educação que transforma é posta em prática nesses ambientes. O caráter transformador acontece por si só quando pessoas se reúnem para compartilhar daquilo que simpatizam de forma a fazer pensar suas práticas diárias.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Debate sobre poesia. In: WALDMAN, Berta e SIMON, Iumna (Orgs.). *Rebate de pares*. Remate de Males, Campinas, IEL/Unicamp, n. 2, 1981.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CABAÑAS, Teresa. *A poesia marginal e os novos impasses da comunicação poética*. Revista de Letras, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 89-116, 2005. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/%20article/view/59/51> > Acesso em: 18 de jan. de 2017.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura In: *O direito à Literatura*. LIMA, Aldo (org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- CHAMOME, Aline Maria Macedo. *Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para “aprender na amizade e liberdade”*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21122016-110935/pt-br.php>. Acesso em: maio 2017.
- FERRÉZ (org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 Poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- MOISÉS, Leyla Perrone. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.



PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola In: *Escola e Leitura – Velha crise, novas alternativas*. ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia (org.). São Paulo: Global Editora, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, v. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <https://rccs.revues.org/128>. Acesso em: Jul 2017.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.